

## **CORPOS COMUNICANTES: RUMOS DO YOGA NA EDUCAÇÃO**

João José de Santana Borges

Lara Micol

Eixo 04– Educação, Comunicação e Saúde

### **RESUMO(tamanho 12 e negrito)**

O objetivo da pesquisa, denominada *Corpoética: Yoga como prática educomunicativa nas escolas*, consiste em examinar como as técnicas psicofísicas do yoga podem contribuir para a melhoria da aquisição de habilidades e competências dos estudantes, de ensino fundamental e médio, das escolas públicas. O yoga, em suas diversas modalidades, compreende o corpo e a mente como uma unidade e prima por fazer o praticante alcançar um estado superlativo de relaxamento e integração, sendo também considerado, por isso, uma prática complementar e integrativa de cuidados com a saúde (Barreto, 2011). Este artigo reflete sobre as intervenções em sala, os problemas estruturais envolvidos na adoção do yoga, bem como salienta dificuldades e desafios, como também possibilidades de ampliação do acesso a essas práticas e os problemas teóricos que suscitam no que diz respeito à Educação em geral.

**PALAVRAS-CHAVE:**Fenomenologia; Yoga; corporeidade; educação; comunicação.

### **ABSTRACT(tamanho 12 e negrito)**

The objective of the research called *Corpoética: Yoga as educommunication practice in schools* is to examine how the psychophysical techniques of yoga can help to improve the acquisition of skills and abilities of students in elementary and secondary education, public schools. Yoga in its various forms, understands the body and mind as a unit and press for making the practitioner achieve a superlative state of relaxation and integration, and also considered therefore complementary and integrative practice of health care ( Barreto, 2011). This article reflects on the activities in the classroom, the structural problems involved in the adoption of yoga, as well as highlights difficulties

João José de Santana Borges é professor Doutor em Ciências Sociais do Departamento de Ciências Humanas (DCH-III) do Campus de Juazeiro-BA, da Universidade do Estado da Bahia.

Lara Micol é estudante de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e Mídias da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)



14 a 16 de setembro de 2016  
UNIT - Aracaju-SE

ANAIS | ISSN: 2179-4901

and challenges, as well as options for expanding access to these practical and theoretical problems that raise with regard to education in general.

**KEYWORDS:** Fenomenology; yoga; Education; Communication.

João José de Santana Borges é professor Doutor em Ciências Sociais do Departamento de Ciências Humanas (DCH-III) do Campus de Juazeiro-BA, da Universidade do Estado da Bahia.

Lara Micol é estudante de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e Mídias da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

## 1 Introdução

O Corpoética é um grupo de pesquisa que objetiva investigar as relações entre corpo, comunicação e saúde, por um viés interdisciplinar e abrange três frentes de pesquisa. A que será objeto de reflexão neste artigo abriga um interesse específico para a área da Educação. Diz respeito ao projeto de pesquisa “Yoga como prática educomunicativa nas escolas”, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado da Bahia (FAPESB), através do Edital 028/2012 Inovações em práticas educacionais.

“Toda a vida é Yoga”, diz Sri Aurobindo (1872-1950), escritor, poeta e yogue indiano que inspira gerações de praticantes de yoga em todo o mundo. É possível afirmar que, em certo sentido, foi com este adágio que as atividades do Corpoética se constituíam, em virtude da abundância de momentos dedicados a esse “esforço metodizado de auto-expressão e auto-percepção” (Satprem, 2011). Sem mencioná-lo explicitamente, entretanto, sua influência foi se tornando presente, em primeiro lugar, na amplitude das práticas: de uma mínima yoga pulverizada nas salas de aula deste docente, para aulas gratuitas aos funcionários, estudantes e professores do Departamento de Ciências Humanas, no Campus III da Universidade do Estado da Bahia, em Juazeiro; mas também, e principalmente, aulas de yoga na Escola de Tempo Integral e aos alunos secundaristas do CETEP (Centro Territorial de Educação Profissional do Sertão do São Francisco); além disso, em oficinas de respiração e yoga integrativo no Centro de Terapias Naturais Gianni Bande; sem contar com as intervenções avulsas em outros espaços públicos, como na orla de Juazeiro-BA e no Espaço Integrar, bem como – um fator relevante para a análise - a prática pessoal diária deste autor.

João José de Santana Borges é professor Doutor em Ciências Sociais do Departamento de Ciências Humanas (DCH-III) do Campus de Juazeiro-BA, da Universidade do Estado da Bahia.

Lara Micol é estudante de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e Mídias da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

O desafio de abordar o yoga como uma prática educomunicativa foi sendo enfrentado, com relativo êxito e renitentes dificuldades, ao longo destes dois anos de projeto de yoga nas escolas. A compreensão convencional de educomunicação envolve o uso da mídia na educação, tanto considerando os meios de comunicação como instrumentos de difusão dos conteúdos escolares, quanto a adoção de leituras críticas da mídia nas dinâmicas escolares; para efeito desse estudo porém, foi preciso resgatar um sentido antropológico da comunicação e entender o corpo como meio de comunicação (Ollivier, 2012); (Le Breton, 2013). Essa reviravolta radical implicava em atribuir importância aos gestos, aos movimentos, ao corpo como uma experiência comunicante.

Investigar como as técnicas psicofísicas do yoga podem contribuir para o aprimoramento intelectual dos estudantes, memória e aquisição de habilidades e competências, bem como favorecer a uma “cultura de paz” em ambiente escolar – isso implica em uma reflexão permanente acerca do corpo e da intersubjetividade, da construção de sentidos através de interações multidimensionais: não só verbais, mas corporais, em um conjunto que envolve linguagem e sistemas simbólicos diversos (Le Breton, 2009).

“Cultura de paz” é um termo muito utilizado em situações em que se salienta a violência e a anomia social, já tão associadas ao cotidiano das escolas públicas em grandes cidades. O que este projeto intenta é apontar caminhos alternativos para reduzir o clima de animosidade e hostilidade entre os alunos, que se dizem, via de regra, destituídos, em certo sentido, de valores e princípios éticos norteadores, dada a relativa falência dos sistemas morais outrora fornecidos pela religião e pela vida civil. (Turner, 2014)

O que foi feito até o momento para atingir este objetivo? Até que ponto tem se obtido esse resultado? Essas questões cruciais envolvem uma discussão metodológica, mas também, e principalmente, teórica e epistemológica, sobretudo ao buscar a validade

João José de Santana Borges é professor Doutor em Ciências Sociais do Departamento de Ciências Humanas (DCH-III) do Campus de Juazeiro-BA, da Universidade do Estado da Bahia.

Lara Micol é estudante de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e Mídias da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

de tal investigação e a mensuração desses dados até o momento coletados.



Imagem 01: Escola de Tempo Integral, Juazeiro-BA  
(Lara Micol, 2015)

## 2 Método de observação participante e pesquisa-ação

Fizemos um trabalho conjunto de estudos preliminares voltados para uma etnometodologia da educação, formação de facilitadores de Yoga e realização de oficinas, no intuito de realizar observação participante, durante dois anos.

Quando entrei em sala de aula das crianças, pela primeira vez, eu o fiz acompanhado de uma professora do Curso de Pedagogia e uma monitora de pesquisa João José de Santana Borges é professor Doutor em Ciências Sociais do Departamento de Ciências Humanas (DCH-III) do Campus de Juazeiro-BA, da Universidade do Estado da Bahia.

Lara Micol é estudante de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e Mídias da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

em comunicação. A intenção era observar os alunos em sala de aula e encontrar critérios para essa avaliação. Após esse rito de observação, que se repetiria ao longo dos primeiros meses da pesquisa, reunimos-nos e atentamos também para outros aspectos que poderíamos chamar de contexto imediato: a disposição algo desordenada das cadeiras, a luminosidade da sala, a circunspeção da professora, a atenção dispersiva dos estudantes, a produção irrefreável de ruídos e, sobremaneira, o perceptível efeito de nossa presença ali.

Um problema aparentemente pouco refletido diz respeito à minha própria atuação nessa atividade: ao mesmo tempo em que era o professor de yoga, também me propunha a ser o pesquisador. A equipe inicial contava com o apoio e a atenção vigilante de uma professora da área de Pedagogia, e dois monitores, um de Comunicação, o outro de Pedagogia. Precisávamos, juntos, atuar em duas frentes: orientando as aulas e observando as cenas de interação. Era, pois, uma espécie de observação participante. E o que colhíamos inicialmente? Corpos em frenesi próprio da idade, uma disposição de arriscar-se em movimentos que liberavam as crianças de qualquer excesso de contenção por parte da escola. Uma polarização se fazia evidente, na medida em que as aulas da “tia” exigiam uma atenção e uma tensão unifocadas no assunto em aula, e as aulas de yoga, antes de conferir uma disciplina complementar ao processo de endoculturação escolar, parecia produzir um efeito semelhante ao “recreio”. Ainda assim, uma atitude disciplinar era requerida por parte do professor de yoga e de sua equipe. As maiores dificuldades estavam na entrada da sala, quando os alunos precisavam se desfazer de seus calçados para ocupar os tatames azuis e vermelhos espalhados na sala de prática, e também na saída, quando muitos apenas queriam ficar brincando aleatoriamente, sem querer voltar para a sala de onde vieram: como se precisassem de um tempo maior para essa descontração tão requisitada por seus corpos.

João José de Santana Borges é professor Doutor em Ciências Sociais do Departamento de Ciências Humanas (DCH-III) do Campus de Juazeiro-BA, da Universidade do Estado da Bahia.

Lara Micol é estudante de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e Mídias da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Era particularmente desafiador também o começo da aula. O filme que retrata a experiência do Corpoética nas escolas, produto da pesquisa em elaboração final, irá demonstrar um movimento crescente de êxito dos alunos na prática. O começo é, em alguma medida, catastrófico: eles simplesmente não conseguiam a quietude inicial para trabalhar os movimentos específicos do yoga. Descobrimos, porém, que a simples vocalização do mantra OM era por vezes, suficiente para gerar a contrição necessária para o corpo aquietar-se. Depois de um esforço de atenção se obtinha, por alguns, o estado de atenção firme, em que o estudante começa a divertir-se internamente com as possibilidades de movimento disponíveis pelas posturas. Aqui começa o yoga, ao menos em seu aspecto visível. Embora houvesse uma natural estranheza face a alguns movimentos de corpo, era perceptível o interesse de alguns em se esforçar para atingir a perfeição naquele movimento.

Trazer a atenção para o agora, *uma educação da atenção*, parece ser um dos mais importantes contributos do yoga para a educação em geral. Em um contexto cultural marcado pelo uso quase compulsivo do celular, das redes sociais, da internet, manter a atenção em um tema é um desafio quase intransponível. Poderíamos observar, em uma escala maior, em que medida estaríamos, coletivamente, perdendo essa capacidade de concentração ou atenção unifocada. No entanto, quando um aluno executa uma posição de equilíbrio, se ele não estiver atento, infalivelmente cairá ao chão. O yoga aponta para a conversão de um esforço de atenção em um estado de atenção – e esse é o objetivo primordial da prática.

### **3. Torvelinhos teóricos: em busca de explicação**

Convém agora diminuir o foco e ampliar a visão: analisar o cenário, os significados e as perspectivas que envolvem a prática do ensino do Yoga nas escolas da rede pública do estado da Bahia. Como já mencionado, fruto de um projeto financiado João José de Santana Borges é professor Doutor em Ciências Sociais do Departamento de Ciências Humanas (DCH-III) do Campus de Juazeiro-BA, da Universidade do Estado da Bahia.

Lara Micol é estudante de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e Mídias da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

pela FAPESB, o grupo Corpoética tem se dedicado a compartilhar técnicas de cuidado oriundas do universo do yoga para estudantes e professores de duas escolas da rede pública municipal de Juazeiro, na Bahia. Enquanto atividade de pesquisa, consiste na observação participante de aulas de yoga com uma estrutura básica, formada por momentos de aquietamento, momentos de movimentação corporal inspirada em animais, em árvores, em seres mitológicos, de relaxamento neuropsíquico e meditação. As posturas clássicas do yoga já foram bastante estudadas em seus benefícios físicos, mas também e principalmente, comportamentais. Para além de um psicologismo ou de um biologismo reducionistas, o que o olhar fenomenológico adotado nessa pesquisa evidenciou foi justamente essa indissociabilidade entre a dimensão biológica, psicológica e transcendental do praticante. Assim, cada ásana (postura psicofísica) estimula glândulas endócrinas específicas, equilibrando e harmonizando as dimensões do ser humano (Sokolowski, 2014). A investigação busca evidenciar como tais técnicas corporais podem ser utilizadas para contribuir na formação, no incremento das habilidades de concentração, memória e equilíbrio psicofísico dos estudantes, e na melhoria das condições de trabalho dos professores.

Inicialmente voltada para os estudantes, o grupo percebeu a necessidade de incluir também os professores, o que culminou na ampliação dos objetivos e na recondução das hipóteses da pesquisa. Essa ampliação conduziu naturalmente a uma releitura da discussão teórica envolvida na investigação. Originada fundamentalmente da sociologia, tal discussão nos aponta para questionamentos cruciais à empreitada: onde, em termos sociológicos, podemos localizar a prática do yoga? Que cenário é este para o qual os seus saberes, as suas práticas, os seus atores, as suas instituições fazem sentido de serem estudadas? Que momento e que lugar tão especialmente propícios para o florescimento desse modo de viver o corpo?

João José de Santana Borges é professor Doutor em Ciências Sociais do Departamento de Ciências Humanas (DCH-III) do Campus de Juazeiro-BA, da Universidade do Estado da Bahia.

Lara Micol é estudante de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e Mídias da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)



Seja em sentido macrossociológico, seja explorando contextos microssociológicos, o presente esforço quer desvendar o território social e simbólico que desentranha o yoga na Educação. Para tanto, examinaremos algumas formulações preocupadas em situar a temática do corpo enquanto sujeito cultural e sua carga histórica. Jorge Crespo começa o seu longo estudo com o capítulo "Os problemas do corpo" e destaca em suas primeiras páginas que o momento atual de emergência do corpo, depois de séculos de repressão é, ao mesmo tempo, um momento de crise da civilização e das civilizações. Sugere também que seria uma crise do próprio Estado, "enfraquecido na sua missão de utilizar o corpo como instrumento privilegiado no controlo e regularização das condutas humanas" (Crespo, 1990, p.7). Ele questiona se haverá um outro sistema de valores, mais adequado ao nosso tempo, que permita assegurar igualmente "o controle" sobre o corpo. E diz que entre a repressão do corpo no passado e a sua afirmação no presente, há um traço comum: a assimilação do corpo a um objeto real, sua materialidade biológica. O corpo, para Crespo, é sobretudo, "a origem e o resultado de um longo processo de elaboração social". Não sendo um dado imutável, possui uma historicidade. Seja como objeto a ser dissecado, seja como dispositivo a ser mimado (Le Breton, 2013), o corpo é indissociável dos sentidos que a cultura lhe impõe.

Como o Estado intervém na realidade total do corpo? Crespo detecta três formas: 1. Simples repressão, através da polícia e da justiça; 2. pelo fortalecimento da consciência moral e favorecendo o exercício de auto-controle, através dos educadores; 3. através de médicos, na homogeneização das condutas. Do controle do Estado ao auto-controle: médicos e professores exercem papel determinante. Norbert Elias também o demonstra, em seu célebre estudo sobre o processo civilizador. Entretanto, através de ecos longínquos da obra de Durkheim (2006), e trazendo para o presente contexto, poderíamos indagar: seria então o caso de considerar a sociedade brasileira em um estado de anomia generalizada, onde faltam a eficácia e a observância destes princípios? João José de Santana Borges é professor Doutor em Ciências Sociais do Departamento de Ciências Humanas (DCH-III) do Campus de Juazeiro-BA, da Universidade do Estado da Bahia.

Lara Micol é estudante de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e Mídias da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

de regulação por parte do Estado? quando a polícia corre o risco de se reduzir a sua condição de mera repressora e aniquiladora dos direitos humanos de cidadãos desfavorecidos?

Nesse cenário, pode-se dizer que, de certo modo, a saúde se vê tomada pela ineficiência, fragmentação e mercantilização dos aparatos do Estado, a partir de um processo tenso de privatização da Saúde Pública, pela hegemonia neoliberal, em parte dificultada por uma política de Governo menos submissa aos ditames do capitalismo global. Em tal contexto, historicamente construído, a educação naufraga em suas tentativas de resistir ao caos, não conseguindo nortear a sociedade com valores que sejam superiores aos valores ditados pelo mercado: o acúmulo de bens cada vez mais descartáveis e fúteis (Arendt,2013), uma parafernália eletrônica cada vez mais vendida como necessária e essencial às nossas vidas, no cultivo e exibição de seus corpos e performances.

Por outro lado, vemos o fortalecimento de uma cultura narcísica (Freire Costa, 2000) que embala a todos nós em uma busca frenética por uma estética cosmética, dissociada, na maioria das vezes, de um cuidado profundo com o corpo e com quem o habita. A publicidade, as novelas, as academias de ginástica - tudo contribui para a formação de um ideário estético, de um corpo perfeito, magro e dinâmico, para atender às demandas do capital produtivo. Este capital, entretanto, é subsumido pelo capitalismo financeiro, que torna volátil qualquer tentativa de sedimentação de nossos desejos coletivos. O aforisma "Tudo que é sólido se desmancha no ar", de Karl Marx, nunca esteve tão certo. Mas este ar, cada vez mais irrespirável, também traz problemas de respiração. E se tudo se torna muito líquido (Bauman): da modernidade até as relações de amor. Também o corpo se torna líquido, embora cheio de tensões musculares próprios de nosso tempo. Uma ansiedade generalizada nos acomete, nestes tempos de tendências conflitantes: resta-nos o corpo, seu chamado. Afinal," o corpo é principal

João José de Santana Borges é professor Doutor em Ciências Sociais do Departamento de Ciências Humanas (DCH-III) do Campus de Juazeiro-BA, da Universidade do Estado da Bahia.

Lara Micol é estudante de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e Mídias da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

meio de expressão e de liberdade e lugar eminente da mais profunda censura e servidão do homem.”( Crespo, 1990, p. 8)

Como o yoga pode ser visto como potencial política pública nas escolas? Essa questão nos remete a duas considerações: 1. Por mais que salientemos as qualidades potenciais do Yoga de fornecer um caminho de formação ético-humanista, ou neo-humanista, crucial para “salvar” o projeto de Educação Nacional, esse projeto não deve se restringir ao yoga; 2. O yoga não pode mesmo se adequar a um projeto nacionalista. Sua lógica é transnacional, seu apelo é humanístico e planetário, sua ordem é global, seria mais apropriado considera-lo como um traço cultural de um globalismo cosmopolita insurgente (Santos, 2010; Borges, 2015). Entretanto, para efeito das políticas nacionais, estaduais e, sobretudo, municipais de Educação, o yoga e seu arsenal de técnicas psicofísicas teriam o papel de contribuir para uma política de cuidado de si, de integração entre as dimensões físicas, mentais e espirituais de professores e estudantes. E essa integração, inevitavelmente, recai sobre o contexto nacional, regional, local. O ocupar-se consigo mesmo deverá portanto levar a um ocupar-se com o lugar onde vivo, com o si ambiental, do qual nos ensina Sri Aurobindo, como parte constitutiva do Ser.

A proposta aqui lançada é a seguinte: como esse processo de tolhimento do corpo próprio foi se constituindo historicamente e se inicia na infância, o yoga se apresenta como uma re-significação desse enclausuramento e dessa alienação. A alienação que para Le Breton (2014) é produto da modernidade, e para Pierre Bourdieu (2001) é socialmente construída, pode ser remediada, não através de um agir comunicativo de espíritos, mas talvez através de uma comunhão entre corpos. Com suas posturas inspiradas em animais, seres da natureza, planetas, cosmos, o yoga ressignifica o lugar da criança no mundo.

João José de Santana Borges é professor Doutor em Ciências Sociais do Departamento de Ciências Humanas (DCH-III) do Campus de Juazeiro-BA, da Universidade do Estado da Bahia.

Lara Micol é estudante de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e Mídias da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Mas o yoga possui uma cosmologia própria. E essa cosmologia deve ser vista como aquilo que Herzfeld chamou de "uma rica fonte do imaginário" e que deve concorrer, no mesmo patamar, com outras cosmologias, seja da religião ou da ciência e, junto a elas, enriquecer o agir humano, para além do viés economicista da visão de mundo burguesa. Ao mesmo tempo, o yoga pode representar aquele furo no guarda-sol que Deleuze atribuiu à religião e à opinião e que nos protege do caos, ao nos fornecer uma visão ordenada do mesmo. Assim como a arte e a filosofia, o yoga insiste em perfurar o guarda-sol e nos fazer alcançar a visão do firmamento. A diferença é que, para os yogis, há uma ordem para além do que o humano consegue captar com seus instrumentos cognitivos habituais, ainda que treinados pela visão científica ou cientificista do mundo, esvaziada de sentidos últimos. "Falamos a respeito da necessidade de preservar a diversidade intelectual do mundo". (Herzfeld, 2014:243).

#### **4. Notas de uma sociologia do yoga na educação: meditações bourdieusianas.**

No contexto sócio-antropológico da escola, é suficiente considerar o yoga como uma prática estrangeira, estranha mesmo ao cenário? E sua disciplina deve ser um traço comportamental a ser imposto no ambiente escolar? Essas duas questões apontam para os limites de nossa intervenção. Para refletir sobre as mesmas, convém convidar "informantes" do universo do yoga para nos orientar nessa análise. A certa altura do seu livro *O coração do yoga*, Desikachar, filho e discípulo de um dos mestres mais reconhecidos do Hatha Yoga, Krishnamacharya, escreve:

"O yoga tem suas raízes no pensamento indiano, mas seu conteúdo é universal, porque trata dos meios pelos quais podemos realizar as mudanças que desejamos em nossas vidas. (...) A prática de yoga só requer que ajamos e estejamos atentos às nossas ações". (Desikachar, 2007, p.40).

João José de Santana Borges é professor Doutor em Ciências Sociais do Departamento de Ciências Humanas (DCH-III) do Campus de Juazeiro-BA, da Universidade do Estado da Bahia.

Lara Micol é estudante de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e Mídias da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

E mais adiante, ao comentar sobre a possibilidade de se tornar vegetariano ou deixar de fumar, ou viver uma vida mais simples, por exemplo, o autor afirma que: “Essas atitudes são admiráveis apenas se originadas de dentro para fora e podem até acontecer como resultado do yoga, mas nunca se forem impostas, de fora para dentro.” (Desikachar, 2007, p.41).

Que tipo de disciplina o yoga possibilita? É um controle social tornado auto-controle (Elias, 1993)? Ora, esse “de dentro para fora”, sugere que o praticante deve adquirir autonomia e reger seu próprio habitus, através do cultivo da atenção e da reflexão diária sobre os yamas e nyamas – uma espécie de código de ética que é a base de toda prática. O yoga, portanto, apregoa uma disciplina a partir de uma escuta profunda, de um diálogo, de uma ação comunicativa que leve em conta o corpo, o sentir, a verdade profunda de cada ser. Isso nos remete a um sentido prático que se coaduna com o que escreve Bourdieu.

"O senso prático é o que permite agir de maneira adequada (ô<sup>s</sup> dei, dizia Aristóteles) sem interpor ou executar um "é preciso", uma regra de conduta. Maneiras de ser resultantes de uma modificação durável do corpo operada pela educação, as disposições atualizadas pelo corpo permanecem despercebidas enquanto não se convertem em ato, e mesmo então, por conta da evidência de sua necessidade e de sua adaptação imediata à situação." (Bourdieu, 2001, p. 170).

Assim, com Bourdieu, enfrentamos a questão crucial do projeto: os efeitos visíveis da prática do yoga na conduta dos estudantes. Na primeira fase dessa pesquisa, percebemos que houve um relativo êxito a ser mensurado: os estudantes assistidos pelo projeto, e mesmo os que não participavam mas ouviam falar sobre, incorporaram o yoga em seus horizontes culturais. Levam consigo as posturas, conversam entre si sobre as aulas, interagem com os pais e professores, e , quando nos encontram (a mim e a

João José de Santana Borges é professor Doutor em Ciências Sociais do Departamento de Ciências Humanas (DCH-III) do Campus de Juazeiro-BA, da Universidade do Estado da Bahia.

Lara Micol é estudante de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e Mídias da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

equipe) fora do contexto da escola, nos cumprimentam com efusiva satisfação. É visível o brilho em seus olhos ao falar das posturas desafiadoras que já conseguem a fazer.

Em “o Conhecimento pelo corpo”, de Pierre Bourdieu, capítulo de sua obra mais filosófica, as “Meditações Pascalinas” (2001), Bourdieu se revela displicentemente como herdeiro da tradição fenomenológica e, é claro, logo se desvencilhando de qualquer clausura para o seu pensamento liberto e autônomo, fundado em trabalhos empíricos e em um insistente estruturalismo, a despeito de sua negação. Mas aqui Bourdieu evoca o modo como nós aprendemos o ser social através do corpo, na medida em que somos um corpo situado no mundo, ocupando posições, sofrendo as injunções dessas posições, social e desigualmente distribuídas. O corpo situado em uma cartografia social. O corpo sitiado. Mas carregando consigo, em suas dobras e limitações, uma visão de mundo.

A segunda fase da pesquisa encontra-se em seu momento principal: a fase da coleta de dados que mensurem os efeitos da prática na vida da escola e do estudante – os atos, a que se refere Pierre Bourdieu. Portanto, resta-nos realizar o levantamento que possibilite responder à questão posta pelo problema de pesquisa que deu origem ao projeto. Aqui lidamos com um dilema inspirado em Elias (1993): como mensurar algo que está em processo e que consiste em processo de longa duração (ainda que levando em conta a escala de uma vida)? Dados numéricos poderiam nos confortar: êxito nas avaliações escolares?

No entanto, o impacto do yoga se dá muito mais em aspectos não-quantificáveis da existência. Por exemplo: o que acontece com as emoções no yoga? São suprimidas?

"Justamente porque o corpo está (em graus diversos) exposto, posto em xeque, em perigo no mundo, confrontado ao risco da emoção, da ferida, do sofrimento, por vezes da morte, portanto obrigado a levar o mundo a sério (e nada é mais sério do que a emoção, que atinge o âmago dos dispositivos orgânicos), ele está apto a adquirir disposições que

João José de Santana Borges é professor Doutor em Ciências Sociais do Departamento de Ciências Humanas (DCH-III) do Campus de Juazeiro-BA, da Universidade do Estado da Bahia.

Lara Micol é estudante de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e Mídias da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

constituem elas mesmas abertura ao mundo, isto é, às próprias estruturas do mundo social de que constituem a forma incorporada." (Bourdieu, 2001, p.171)

Esta questão se insere no âmbito dessa socialização secundária que a escola propicia. A metodologia da pesquisa-ação aqui referida intenta assim, incentivar no corpo aprendiz uma disposição alegre e serena, um estado de presença disponível porém não vulnerável, no mundo da vida.

"Aprendemos pelo corpo. A ordem social se inscreve nos corpos por meio dessa confrontação permanente, mais ou menos dramática, mas que sempre confere um lugar importante à afetividade e, mais ainda, às transações afetivas com o ambiente social." (Bourdieu, 2001, p.172).

## **Considerações Finais**

Ao propor uma aprendizagem do yoga, pretendemos inserir alguns aspectos da reflexividade sobre a tradição yogi - a conduta elaborada, a ética tornada corpo, os modos de atenção voltados para a respiração, o pensamento claro e reflexivo, as emoções em expressão equilibrada e harmoniosa, um estado permanente de serenidade e leveza – estado integrado que Alexander Lowen (1983) costumava apontar como ausente em nossa cultura ocidental, em que há uma cisão mente e corpo: “Em nossas competições prestamos homenagem ao corpo desespiritualizado e nas salas de aula e escritórios reverenciamos a mente sem corpo”. (Lowen, 1983, p.213).

Durante as oficinas de yoga, procuramos criar a oportunidade para incrementar uma cultura de integração e cooperação. Como faríamos isso? Bourdieu nos fornece uma pista para compreender essa atuação, quando ele afirma: "Tanto na ação pedagógica cotidiana ("fica direito", "segure a faca com a mão direita") como nos ritos

João José de Santana Borges é professor Doutor em Ciências Sociais do Departamento de Ciências Humanas (DCH-III) do Campus de Juazeiro-BA, da Universidade do Estado da Bahia.

Lara Micol é estudante de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e Mídias da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

de instituição, essa ação psicossomática se exerce muitas vezes por meio da emoção e do sofrimento, psicológico e até físico (...)" (Bourdieu, 2001, p.173)

Nessa inserção, convivemos com os dispositivos escolares tradicionais que, amiúde, precisam se afirmar através de uma lógica impositiva, de um domínio pela imposição de valores, não raro religiosos, que contribuem para uma certa cisão do mundo da criança. O yoga visa restituir uma imagem de paz inocente, ainda que não ingênua, uma imagem encantada do mundo e da imaginação corporal. Na prática das posturas de yoga, as crianças imitam animais, plantas, seres da natureza. Passam a experimentar uma ética que, conforme afirma Tagore, “nos lembra do grau de parentesco que temos como tudo o que há no universo”. Um corpo que pode alçar vôo como um pássaro, e que se mantém firme no chão como uma árvore, é um corpo disponível, mas não vulnerável. É um corpo forte e que supera a dor, mas não deixa de sentir e saber que se está sentindo, sem anestesia, mas com capacidade de respirar a dor, a fim de que ela passe sem deixar maiores danos.

Por ora, resta-nos concluir que essas reflexões apontam para uma miríade de possibilidades de um cultivo do cuidado e do auto-conhecimento que o yoga apresenta, quando inserido no ambiente escolar. Sua filosofia guarda o potencial de unificar as diversas dimensões do ser humano, e um ser que aprende, com o corpo e a mente integrados, é um ser cujo potencial de aprendizagem é incrementado por uma atitude transformadora (política?) em relação ao mundo.

## Referências

ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

João José de Santana Borges é professor Doutor em Ciências Sociais do Departamento de Ciências Humanas (DCH-III) do Campus de Juazeiro-BA, da Universidade do Estado da Bahia.

Lara Micol é estudante de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e Mídias da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)





14 a 16 de setembro de 2016  
UNIT - Aracaju-SE

ANAIS | ISSN: 2179-4901

BARRETO, Alexandre (org.) **Integralidade e Saúde: Epistemologia, Política e Práticas de cuidado**. Recife: Ed. Universitária da UFPE: 2011.

BORGES, João José de Santana. **Árvores e Budas: alternativas do misticismo ecológico e suas teias políticas**. Simões Filho-BA: Editora Kalango, 2015.

BOURDIEU, Pierre. **Meditações Pascalinas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CRESPO, Jorge. **A história do Corpo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

DELEUZE e GUATARRI, Gilles e Félix. **O que é filosofia?** São Paulo: editora 34, 2007.

DESIKACHAR, T D K. **O coração do yoga**. São Paulo: Jaboticaba, 2006.

DURKHEIM, Emile. **As regras do método sociológico**. São Paulo-SP: Martin Claret, 2006.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador 2: Formação do Estado e Civilização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1993.2v.

HABERMAS, Jurgen. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Biblioteca Tempo Universitário, 1989.

HERZFELDT, Michel. **Antropologia: prática teórica na cultura e na sociedade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. **As paixões ordinárias: antropologia das emoções**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.

João José de Santana Borges é professor Doutor em Ciências Sociais do Departamento de Ciências Humanas (DCH-III) do Campus de Juazeiro-BA, da Universidade do Estado da Bahia.

Lara Micol é estudante de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e Mídias da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)



14 a 16 de setembro de 2016  
UNIT - Aracaju-SE

ANAIS | ISSN: 2179-4901

LOWEN, Alexander. **O corpo em depressão: as bases biológicas da fé e da realidade.** São Paulo: Summus, 1983.

OLLIVIER, Bruno. **As ciências da Comunicação: teorias e aquisições.** São Paulo: editora Senac São Paulo, 2012.

SOKOLOWSKI, Robert. **Introdução à Fenomenologia.** São Paulo: Edições Loyola, 2014.

SCHUTZ, Alfred. **Sobre fenomenologia e relações sociais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

TURNER, Bryan S. **Corpo e sociedade.** São Paulo: Ideias & Letras, 2014.

João José de Santana Borges é professor Doutor em Ciências Sociais do Departamento de Ciências Humanas (DCH-III) do Campus de Juazeiro-BA, da Universidade do Estado da Bahia.

Lara Micol é estudante de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e Mídias da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)